

## ESTIAGEM DO CENTRO-SUL

A crise produz soluções radicais, tanto nos acertos como nos erros. Pior que os efeitos da seca seriam as consequências de políticas econômicas fundadas na emoção, análises mal feitas e estatísticas exageradas.

### DIRETRIZES DA AÇÃO

Mantém o emprego é imprescindível. Não afastar o trabalhador do local do trabalho. Evitem-se as frentes de trabalho e métodos que formam dependência e aviltam a dignidade humana.

O caminho é estimular a produção no correr de 1986 da seguinte forma:

- a) replantar onde for possível; mesmo que haja decréscimo de produtividade;
- b) aumentar a área de feijão: onde frustraram as safras de algodão, milho e de outras culturas. Nas áreas irrigadas de todo o Brasil: cria-se emprego e resolve-se o principal problema de abastecimento;
- c) aumentar a área de trigo. O potencial é enorme;
- d) financiar tratamentos culturais do café, mesmo em lavoura de pequena produção;
- e) estimular outras culturas de inverno, como cevada e hortaliças;

- f) onde for indicado, acelerar o programa de reflores-  
tamento;
- g) estimular obras de conservação de solo e de recur-  
sos naturais.
- h) agilizar o PROAGRO e, em casos específicos prorrogar  
o pagamento de débitos.

Os subsídios, se forem necessários, devem ser dados à  
produção. Assim, emprego é criado e se reduz a necessidade de impor-  
tação. Deixar claro que são transitórios.

As importações, à exceção do arroz, leite e feijão, de-  
vem ser feitas para estimular a produção de frangos, suínos e da pe-  
cuária leiteira.

É inevitável o acréscimo dos preços. Notar, que o re-  
cente aumento de salários exarcebou a demanda de alimentos. A oferta  
não reage, automaticamente. Parte de aumento dos preços está dentro  
da lógica. Parte é especulação e desejo de empurrá-los para cima no  
mercado internacional: soja e café. E, finalmente, parte é efeito da  
seca. As últimas duas partes devem ser tiradas dos índices que medem  
a inflação.

É importante proteger os consumidores. O melhor remé-  
dio ainda é estimular a produção. O efeito maior da estiagem é no ca-  
fé. Produto não essencial à vida, mas político. Deve-se estimular as  
donas-de-casa a reduzirem o consumo. Com isto, salvam-se as exporta-  
ções. Como o acréscimo do preço deste produto já é substancial, a  
renda do setor crescerá. Nada de mais que usar parte do acréscimo pa-  
ra financiar o programa. Uma taxa adicional nas exportações, além de  
alegrar os consumidores, produzirá a renda que o governo precisa.

## ANÁLISE SUCINTA

- CAFÉ:** Safra prevista para 25 milhões de sacas. Deve ser reduzida para 18 milhões de sacas. Queda de 28%.
- EMPREGO :** O efeito maior da estiagem é na colheita. Direta e indiretamente, o envolvimento de bóia-fria é da ordem de 10 milhões de pessoas. O preço do café elevou-se muito. Determinará um uso muito maior de mão-de-obra na colheita e atividades dela decorrentes, minorando o efeito da queda de produção. Esse efeito não pode ser agora, previsto. Deve-se acompanhar, com cuidado, a colheita. Estimular a cultura de feijão e trigo nas áreas disponíveis nos estabelecimentos de café. Para assegurar a recuperação da produção nos anos subsequentes, propiciar financiamento também às lavouras em que houve grande perda. Os donos delas vão ficar muito vulneráveis. Precisam de ajuda financeira.
- RENDA :** Os preços do café já subiram muito mais que os 28% da queda da produção. Assim sendo, a renda do setor irá crescer, apesar de alguns produtores perderem muito. Espera-se, ainda, elevação dos preços no mercado internacional, porque os estoques estão muito baixos.

É, assim, possível equilibrar o consumo interno e as exportações de modo que, em valor, estas cresçam.

CONSUMO:

Os consumidores serão o grupo mais prejudicado. Só a drástica redução de exportação poderá evitar esse efeito. Não convém ao país. Deve-se estimular as donas-de-casa a reduzirem o consumo. Taxar os ganhos de exportação. Mas, anunciar que é, só apenas para dois anos. Os proventos da taxa devem ser usados para financiar o programa de combate aos efeitos da estiagem.

RECOMENDAÇÕES:

Taxar as exportações por dois anos; crédito para recuperar as lavouras; estímulo do plantio de feijão e trigo em áreas disponíveis; campanha de redução de consumo pelas donas-de-casa.

- SOJA :** O efeito da estiagem será muito menor se as chuvas voltarem rapidamente. Ainda é possível o replantio. A queda estimada, em dezembro, é de 23%. Pode ser, em parte, recuperada, caso chova.
- EMPREGO:** Não há bóia-fria. A cultura é mecanizada. O não plantio (e perda do já plantado) deixou os agricultores em situação de difícil solução; chovendo deve - se estimular o replantio, mesmo com queda de produtividade. Nas áreas viáveis, estimular o plantio do feijão. Na região afetada, trigo pode suceder a soja. Estimular esta cultura. É preferível dar um estímulo especial de preço e não subsídio ao crédito. Essas medidas anularão, no correr do ano, o efeito da estiagem no emprego. Reduzirão as importações de trigo e podem eliminar as de feijão. Nos casos necessários, o PROAGRO deve ser usado.
- RENDA:** O estoque mundial é muito elevado e foi boa a produção do hemisfério norte. A queda da produção brasileira terá pequeno efeito sobre os preços. Ou seja, cairá mais a produção em relação à subida dos preços. Conseqüentemente, o setor perderá renda. Para manter o consumo interno, as exportações se reduzirão. Mas devem ser equilibradas com as de café e outras culturas de mo



do a manter, em valor, o nível das exportações do ano anterior.

CONSUMIDORES: Não precisam ser afetados.

SUÍNOS E AVES: O farelo de soja é ingrediente importante na ração destes animais. A elevação do preço de rações aumentará o preço interno de proteína animal e reduzirá nossa capacidade de exportação. Solução: reduzir as exportações ou, então, importar soja da Argentina para manter o nível de produção de farelo.

- ALGODÃO :** Maior queda de produção. Estimada entre 42 a 46%. Está tarde para o replântio. Parte da perda pode ser recuperada com boa safra no Nordeste. Mas o bocado já é lá um problema.
- EMPREGO:** A queda é proporcional. Há bóia-fria. Mas no Centro-Sul, a área de algodão é comparativamente muito menor que as de soja, café, feijão, etc. Mas, as regiões, onde ele se localiza, serão muito afetadas, tanto a nível de indústria como de agricultura. Estimular, na área, o plantio de feijão, trigo e hortaliças para recuperar o emprego, no correr do ano.
- RENDA:** Haverá queda que poderá ser compensada pelo plantio de feijão, trigo e outras culturas, bem como pela aplicação do PROAGRO.
- CONSUMIDORES:** Pequeno efeito.
- PECUÁRIA DE LEITE:** O preço da ração subirá. A pecuária mais fina (de raças melhoradas) sofrerá. Mas este efeito é pequeno comparado com a degradação das pastagens.



RECOMENDAÇÕES:      Aplicar PROAGRO, estimular plantio de feijão, trigo e outras culturas de inverno. Importar com vistas à indústria têxtil.

- FEIJÃO :** A queda da safra que foi colhida no fim do ano passado e começo deste foi enorme. É a primeira safra. Em média 43%, nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina. Era prevista em 1 milhão e duzentas toneladas.
- RENDA:** Os pequenos e médios produtores da queles estados já tiveram a perda da produção. Os preços do mercado inter no subiram, mas parte da safra já ha via sido vendida. Ganharam os especu ladores. O PROAGRO compensará os pro dutores e não há outra solução.
- EMPREGO:** A produção de feijão se processa a nível de propriedade familiar. A es tiagem não produz desempregados, mas uma queda no nível de vida. Poderá ser desastrosa, se o PROAGRO não for ágil.
- CONSUMIDORES:** A queda de produção nas regiões cita das não levará, necessariamente, a uma grande redução de produção, se o plantio de feijão for estimulado nas áreas irrigadas e onde se frustrou a soja, algodão e milho. As importa ções precisam ser feitas com cuidado. É muito pequeno o mercado inter nacional. Grandes quantidades a se rem importadas produzirão efeitos de vastadores nos preços, inviabilizan do as mesmas.



RECOMENDAÇÕES: Estimular o plantio nas áreas irri-  
gadas e onde se frustrou o milho, al-  
godão e soja. Aplicar o PROAGRO. Mui-  
to cuidado com as importações.



**MILHO :**

A queda estimada do Centro-Sul está entre 18 a 21%. A previsão era de 19 a 20 milhões de toneladas para a região e se espera, agora, cerca de 15,5 milhões de toneladas. Havendo chuvas, parte ainda pode ser recuperada e o Nordeste dará sua contribuição de, pelo menos, 2 milhões de toneladas. O país ficará, então, a 3 milhões de toneladas do ano anterior. Hoje milho é muito mais usado como ração: suínos, aves e pecuária.

**EMPREGO:**

A maioria da cultura do Centro-Sul é feita pela propriedade familiar ou, então, é inteiramente mecanizada. O efeito é, portanto, queda de renda e, daí, nível de bem-estar. A queda de produção não provocará desemprego.

**RENDA:**

Os preços do mercado interno subirão mais que a queda de produção, caso o governo não venha importar. A renda do setor ficará na contingência das importações. Mas se forem limitadas a compensar a queda de produção, a perda de renda do setor pode ser menor que a queda de produção. Os produtores que perderam safra são as vítimas. Aplicar o PROAGRO e estimulá-los a plantar feijão, trigo e outras culturas de inverno.

- CONSUMIDORES : Serão a maior vítima, se não houver im-  
portações. Subirão os preços dos alimen-  
tos que dependem do milho de forma direta e  
proteína de origem animal: leite, ovos, carne  
de aves e suínos.
- IMPORTAÇÕES: Avaliar, cuidadosamente, a queda de pro-  
dução. Há milho no mercado internacional, mas  
chega nos pontos de consumo a preços elevados  
em relação ao similar nacional: de até 40%.
- RECOMENDAÇÕES: Estimular o replantio caso chova até 15  
de janeiro, no Centro-Sul. Estimular a safra  
do Nordeste. Estimular o plantio de feijão, tri-  
go e outras culturas de inverno.
- LEITE: É um caso à parte. Está sofrendo várias  
influências, todas negativas.
- 1)- Uma política, de há muito tempo, que  
não estimulou a especialização do reba-  
nho. O chamado leite C é produzido por  
rebanho misto(carne e leite), sendo bai-  
xa a produtividade de leite e carne. A  
lém do mais, quando sobe o preço da car-  
ne como agora, os produtores passam a tirar me-  
nos leite e produzir mais carne;
  - 2)- A baixa produtividade deu origem a outro  
problema - a distância da produção dos Centros  
de Consumidores: muito frequentemente mais de  
1000 km. A maior parte do leite é água e essa  
é transportada;
  - 3)- Controle de preços do governo não permitiu  
investimentos no rebanho, saúde e alimentação.  
Resultado: a produtividade tende a decrescer, a

pesar de já muito baixa;

4) - O efeito da seca numa pecuária indefesa é devastador. Mas é importante notar que a tendência à estagnação já vem de 1979. Em relação ao poder de compra do brasileiro, o leite é caro e qualidade é ruim. A política de incremento de salário aumentará o preço do leite, a não ser que importações sejam feitas. E não há, no curto prazo, outra saída;

5) - O efeito da estiagem foi de agravar ainda mais o que era muito grave. O efeito maior é sobre os pequenos produtores e sobre os consumidores. Pode mesmo inviabilizar a parte do programa da merenda escolar que depende do leite. A solução é importar.

RECOMENDAÇÕES:

Curto prazo: importar leite. Médio e longo prazo, um plano que permita especializar a produção, pelo menos nas proximidades dos grandes centros consumidores. O efeito do plano no preço do leite não se dará no curto prazo. Por isso, deve contemplar, com subsídios, os consumidores, mantendo-se preço mais elevado para os produtores. No mundo desenvolvido, leite é subsidiado. Tecnologia moderna e os subsídios levaram ao excesso de produção que virá a facilitar as importações brasileiras.